

# A ESCRITA DO SUDOESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA: VELHOS DADOS, NOVAS TEORIAS E A SUA IMPORTÂNCIA PARA O ESTUDO DAS ANTIGAS CULTURAS HISPÂNICAS

Virgílio Hipólito Correia<sup>1</sup>

## RESUMO:

É feita uma revisão dos conhecimentos e das teorias mais actualizadas sobre a epigrafia da Iª Idade do Ferro do Sudoeste da península Ibérica, dando especial atenção aos problemas relacionados com o aparecimento e difusão de uma escrita e dos nossos conhecimentos sobre a epigrafia que dela deriva.

São feitas propostas quanto à delimitação do signário, a sua decifração e quanto ao enquadramento da língua falada por essas populações do Iº Milénio AC.

**Palavras-chave:** Idade do Ferro, Epigrafia Pré-latina, Sudoeste da Península Ibérica.

## ABSTRACT:

The paper draws a revision of current knowledge and theories about the epigraphy of the 1st Iron age of SW Iberia, with a special focus on the problems related to the development of a script and our understanding of the epigraphy it produces.

Proposals are made concerning the identification of the signs of that script and the integration of the related language in the 1st millennium AC.

**Key-words:** Iron Age, Pre-Latin epigraphy, Iberian Peninsula South-West.

## ORIGEM DOS ESTUDOS

Identificada em finais do séc. XVIII pelo Bispo Cenáculo, a escrita da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica é, desde há mais de duzentos anos, um fenómeno incontornável

---

<sup>1</sup> Museu Monográfico de Conimbriga, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

Este texto tem por base uma conferência proferida em 10 de Maio de 2014 no 9º Congresso sobre a origem do Basco (Euskararen Jatorriaren IX Biltzara), que teve lugar em Guernica nessa data. Recolhi aí as considerações que tinha feito já em Abril de 2002 no 1º Congresso Internacional sobre “Povos e Culturas da Bacia do Mediterrâneo. Mundo Ibérico”, que foi então organizado pela Fundação Civis, de Madrid, e teve lugar em Val-depeñas, e na comunicação ao Xº Colóquio sobre Línguas e Culturas Paleo-Hispânicas que, organizado pelo respectivo comité, teve lugar no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, em Fevereiro de 2009. Ambas as comunicações foram oportunamente publicadas (a primeira no CD-Rom do Colóquio, a segunda em CORREIA 2009).

Pareceu-me todavia oportuno actualizar as linhas essenciais que me ocorre salientar sobre este assunto. Agradeço aos organizadores das sucessivas reuniões os convites que me fizeram, na medida em que esses desafios me levaram a re-afrontar um assunto que não tem estado na primeira linha das minhas preocupações científicas, mas que continua a ser caro ao meu coração, e que continuo a reputar de enorme importância para o entendimento da Proto-História peninsular.

Para a presente publicação contei ainda com a prestimosa colaboração de Samuel Melro e Pedro Barros (Projecto ESTELA), briosos continuadores da melhor tradição de trabalho de campo sobre esta matéria, na esteira de Cenáculo e de Caetano de Mello Beirão, e com a generosa opinião de Amílcar Guerra sobre a matéria; os defeitos do texto são, inevitavelmente, meus.

dos estudos de Proto-história peninsular e mediterrânica. Alvo de um importantíssimo trabalho de reconhecimento arqueológico em meados dos anos oitenta, da autoria de Caetano de Mello Beirão<sup>2</sup>, a sociedade que criou esta escrita e produziu a epigrafia através da qual a conhecemos, continua no centro das atenções da comunidade científica nacional e internacional. Por outro lado, nunca foi abandonado o estudo linguístico dos textos veiculados nas inscrições, iniciado com o *corpus* de E. Hübner e culminado na publicação dos *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, de que é editor Jürgen Untermann<sup>3</sup>, que frequentemente se tornou parte maior do conjunto de estudos levados a cabo.

## PROBLEMAS DE EPIGRAFIA E ARQUEOLOGIA

No estudo da epigrafia do sudoeste, verifica-se ter sido insuficientemente considerada a distinção inevitável entre escrita e epigrafia, tal como aconteceu já muito profundamente no domínio da epigrafia clássica<sup>4</sup>, bem como todas as consequências que esta distinção implica.

A escrita do sudoeste, de que temos apenas mínima evidência em outros suportes que não a epigrafia funerária, desenvolveu-se numa área que não podemos precisar senão por exclusão dos vales do Guadalquivir e do Tejo, numa faixa cronológica que, balizada pelas mais antigas evidências de importação de escrita (na epigrafia utilitária em alguns objectos que pertencem tipologicamente ao Bronze Final), e pelo pleno desenvolvimento da epigrafia funerária, pode ser colocada entre os séc.s IX e VI<sup>5</sup>. Esta abordagem preliminar de muito reduzida precisão é importante por duas razões:

- em primeiro lugar, é necessária porque só ela permite levar em conta dois fenómenos arqueológicos que são, por um lado, as deficiências inerentes a um registo arqueológico descontínuo, e os processos post-deposicionais que afectam um item desse registo – a epigrafia funerária – que, historiograficamente sobrevalorizado, não tem sido considerado desde esse ponto de vista.

- em segundo lugar, o nosso conhecimento da evolução posterior do fenómeno epigráfico levanta perplexidades, na medida em que as sugestões de polinuclearidade desse desenvolvimento vão ao arrepio de toda a tradição académica do estudo de fenómenos congéneres, sendo inclusive, em certa medida, contraintuitivas<sup>6</sup>.

Dentro destas balizas a narrativa histórica geralmente admitida reza que em Tartessos se adaptou o alfabeto fenício à língua local em condições tais que se produziu, por ser melhor adaptado às condições linguísticas específicas a queurgia dar resposta, um semi-silabário, solução eventualmente comum a todas as escritas paleohispânicas.

Esta narrativa, com todos os foros de verosimilhança é, manifestamente, independente da vertente epigráfica que conhecemos, com a excepção do exercício escolar que conhecemos sob a designação de “signário de Espanca”<sup>7</sup>.

É, portanto, necessário distinguir alguns momentos (e modos arqueológicos de análise) no fenómeno de adaptação da escrita<sup>8</sup>.

É altamente provável que a recepção original da escrita greco-fenícia no sudoeste tenha acontecido no âmbito dos estuários do Rio Tinto e Odiel e do Guadalquivir. A forma como esta recepção aconteceu é, claro, indeterminável, tanto quanto são vagas as nossas ideias acerca de que escrita foi efectivamente conhecida e adaptada, qual, em suma, o modelo. Propus em certa ocasião, que é talvez possível considerar que o modelo não esteve materializado num único instrumento epi-

---

<sup>2</sup> BEIRÃO 1986.

<sup>3</sup> UNTERMANN 1997.

<sup>4</sup> SUSINI 1968.

<sup>5</sup> Cf. HOZ 1987, CORREIA 1996

<sup>6</sup> BAINES *et al.* 2008.

<sup>7</sup> ADIEGO 1993, CORREA 1993.

<sup>8</sup> CORREIA 1986. Cf. HOZ 1985.

gráfico ou documental<sup>9</sup>, mas trata-se de uma conjectura – mais ou menos plausível, divergindo as opiniões.

Esta adaptação pressupõe a existência de uma tradição de escrita, radicada na região do Golfo de Cádiz e seus estuários, que, por mais ou menos tempo (que pode ter variado de meses a décadas), se manifestou de forma exclusivamente documental (sendo portanto perecível e, para nós, inabordável). Não temos, no actual estado dos nossos conhecimentos, forma de medir a distância existente, quer em termos paleográficos quer em termos linguísticos, entre esta escrita (tartéssica *jure optimo*) e o modelo paleográfico da Espanca.

Nesta medida, existe uma dificuldade adicional em determinar as relações de sequência entre os fenómenos da redundância e do semi-silabismo pois, sucessivas adaptações podem ter provocado mutações em sentidos opostos. Estas questões não são determinantes para as problemáticas estritamente arqueológicas, nem mesmo para aquelas problemáticas que tem a ver com a classificação linguística a um nível relativamente alto de granularidade, pelo que a sua incidência acontece apenas em níveis muito específicos de entendimento dos processos<sup>10</sup>.

A epigrafia do sudoeste tem fundamentalmente de ser caracterizada como um epifenómeno, relativamente a uma mecânica: a da adopção e adaptação da escrita no sudoeste, que é muito mais complexa e de cronologia mais antiga do que é por vezes comumente admitido, desenvolvendo-se os processos em lapsos de tempo largos.

Os monumentos epigráficos e a arquitectura em que eles são instalados são um fenómeno profundamente tradicional e enraizado na evolução das sociedades do sudoeste. A arquitectura funerária da Idade do Ferro sucede à tradição da arquitectura funerária do Bronze II do Sudoeste, das necrópoles de tipo Atalaia, de que adopta, na sua primeira fase, a geometria dos monumentos (circular) e mantém, em toda a sua evolução, a tradição, provavelmente linhagística, de compactação das necrópoles “tipo favo” em aglomerados monumentais estrategicamente colocados na paisagem imediata aos habitats<sup>11</sup>. Aliás, existem dados que parecem indicar que a evolução dos monumentos no sentido da adopção das plantas rectangulares pode nem ser exclusiva dos monumentos sidéricos<sup>12</sup>.

Os monumentos epigráficos sucedem à tradição do monumento historiado, também profundamente radicada no Baixo Alentejo<sup>13</sup>. Radicada, aliás, por mais de uma via. Não só as estelas figuradas de tipo alentejano e alguns exemplos correlativos, mais próximos das ainda mais antigas figurações exentas megalíticas, estão directamente associadas à tradição monumental da arquitectura funerária que acabámos de referir, como é precisamente neste conjunto de manifestações plásticas que existe evidência de uma esfera de contactos orientalizantes, normalmente associados a um chamado período pré-colonial, cronologicamente consistente com as cronologias mais antigas para o conhecimento da escrita no sudoeste que acima referimos.

## A INVESTIGAÇÃO SOBRE A EPIGRAFIA DO SUDOESTE

Na dependência, como em todos os campos científicos, da investigação anterior e das ênfases específicas que foram colocadas em questões particulares que, por vezes, resultam menos lógicas a uma nova luz do que antes pareciam, a questão da epigrafia do sudoeste, que tentámos centrar no domínio da evolução dos mecanismos de controle social que uma elite tem ao seu dispor no contexto de uma reforçada interacção que se faz a nível peninsular, mas também europeu e mediterrânico, ganha uma especial importância na medida em que, sendo possível – ou até ao

<sup>9</sup> CORREIA 1996, 53.

<sup>10</sup> Cf. CORREA 1985b, 1987, 1993; HOZ 1990.

<sup>11</sup> CORREIA 1993, VILHENA 2008.

<sup>12</sup> GOMES 1994.

<sup>13</sup> GOMES e MONTEIRO 1977.

ponto em que é possível – consensualizar a delimitação do signário e a sua leitura, temos ao nosso dispôr uma leitura antroponomástica, que é o único campo lexical disponível em extensão minimamente significativa, cuja exploração histórica não pode deixar de ser feita<sup>14</sup>.

As escritas peninsulares começaram a ser decifradas quando Manuel Gomez-Moreno identificou as legendas numismáticas ibéricas através da denominação latina de cidades conhecidas<sup>15</sup>. Todavia a extensão deste deciframento até algo tão recuado quanto a escrita tartéssica é virtualmente impossível. Não creio ser possível fazer uma demonstração completa das bases teóricas e de todas as consequências lógicas delas retiradas que explique que o consenso do deciframento do signário do sudoeste é o que é e não outro, bem como de que as divergências são as que são, e não mais nem menos. Talvez por isso a emergência de explicações alternativas, muitas delas de aparente lógica interna, mas todas igualmente arbitrárias no seu ponto de partida, seja uma Nemesis que persegue a investigação séria.

O consenso actual está baseado nalgumas regras muito gerais<sup>16</sup>, como que todas as escritas paleohispânicas são semisilabários, que há coincidências geográficas que se sobrepõem às divergências temporais (como entre as escritas do sudoeste e meridional) e que sobreviveu o suficiente da língua antiga, e durante tempo suficiente, para que o contraste com a antroponímia romana (por exemplo) não seja um vão exercício.

Neste problema desempenha papel maior o facto de, dada a prática epigráfica ser a da não separação de palavras, a dificuldade maior da leitura da epigrafia do sudoeste ser a da identificação do elemento lexical significativo no *sprachdenkmal* que ocorre abordar-se.

## O PROBLEMA DO SIGNÁRIO

A compreensão do processo de evolução da escrita do Sudoeste em todas as suas facetas é indispensável a uma tarefa que apesar de básica a investigação não pode ainda dar satisfatoriamente terminada: a delimitação e identificação do valor fonético do signário. Tal não se fará sem algum avanço teórico que permita, mais do que esperar o acumular de coincidências fonéticas que venham a colmatar as lacunas (na espera de um dia um achado vir a resolver todos os nossos problemas, como M. Pallotino<sup>17</sup> bem descreveu e que o presente autor já comparou ao suplício de Tântalo<sup>18</sup>), colocar numa perspectiva adequada o muito que já se sabe e delimitar exactamente o núcleo de problemas que permanecem em aberto.

Esse avanço teórico pode ser a proposta de Javier de Hoz de definir a característica epigráfica do Sudoeste da redundância vocálica após os signos silábicos, não como um carácter intrínseco da escrita (*contra* U. Schmoll e toda a investigação subsequente, principalmente J. Untermann e J. A. Correa) mas como “... um uso redundante de grafemas silábicos originado como prática peculiar de uma tradição de escribas a partir das condições de aprendizagem da escrita [...] uma moda ortográfica que constituía uma realização possível de um sistema cuja realização não marcada não era redundante...”<sup>19</sup>.

Não quer tal dizer que se deva descartar a redundância na análise da escrita; a moda ortográfica peculiar não deixará certamente de respeitar os valores vocálicos dos signos silábicos. Mas será imperioso fazer uma análise prévia da existência, ou não, de efectiva redundância numa estela (se sim, ou não, todos os signos vocálicos que sucedem a signos silábicos respeitam a regra da

<sup>14</sup> CORREIA 2000.

<sup>15</sup> GOMEZ-MORENO 1961.

<sup>16</sup> HOZ 1987, CORREA 1987, CORREIA 1996, UNTERMANN 1997.

<sup>17</sup> PALLOTINO 1979.

<sup>18</sup> CORREIA 2004<sup>a</sup>.

<sup>19</sup> HOZ 2005, 369 e 370 n.16.

redundância) antes de usar essa redundância como argumento de atribuição quer do valor vocálico ao signo silábico precedente, quer do valor fonético ao signo seguinte, no caso de alógrafos.

Um exemplo. Pela razão indicada não é aceitável a leitura que José António Correa faz do grafito de Garvão<sup>20</sup>. O signo repetido três vezes na base do vaso (publicado pelo presente autor<sup>21</sup>) é desconhecido noutras inscrições<sup>22</sup>; a sua identificação como i deve-se ao facto de uma das suas posições no grafito ocorrer após o signo para ti (G16); mas é notório que, graficamente, carece de qualquer plausibilidade que S93 seja um alógrafo de i (G3) que é um dos signos de grafia mais estável em toda a epigrafia do sudoeste. Sem o argumento da redundância deverá pois valer o argumento grafemático.

A delimitação do signário deve partir de uma análise gráfica das inscrições e do seu modelo, o signário da Espanca. A redundância vocálica, nas inscrições onde se verifica ter existido, indica o valor vocálico dos signos silábicos, mas nos casos em que a verificação dessa redundância não é rigorosa, a sequência vocálica distinta não autoriza a distinguir como signos silábicos distintos o que não passam de alógrafos ou de variações de *ductus*. Para este caso é um óptimo exemplo a inscrição de Mesas do Castelinho, que não é redundante e que mostra como os lapicidas trataram sucessivas variantes do signo para te (G20).

## A EVOLUÇÃO DA ESCRITA

O signário da Espanca tem sido profundamente estudado enquanto modelo da escrita “tartéssica” e as suas relações com as escritas orientais, o processo mesmo da sua criação a partir de modelos forâneos e a mecânica que presidiu à sua organização são actualmente bem conhecidas. Todavia, esse mesmo signário foi menos abordado como modelo, nem sempre exactamente seguido, da escrita do Sudoeste; é nessa falta de exactidão, que reside o maior interesse, pois é por aí que se pode entender a escrita do Sudoeste enquanto fenómeno vivo, sujeito às inevitáveis modificações e evoluções que um uso dilatado no tempo e diversificado nos seus contextos (dois conceitos que raramente se vêm presentes nas análises feitas), não podiam deixar de introduzir.

Podem ser indicados alguns princípios metodológicos para esta análise. Assim:

- Existem 27 signos na escrita do Sudoeste, cuja identidade gráfica corresponde ao modelo do signário da Espanca.

- A moda ortográfica da redundância, utilizada na epigrafia, não era obrigatória, pelo que não dá indicação segura do valor vocálico dos signos silábicos senão naquelas inscrições onde o uso do maneirismo se encontra em todos os signos silábicos.

- O pressuposto subsidiário é que carece de explicação suplementar a criação *ex nihilo*, discricionária, de signos não previstos em Espanca para fonemas necessários para além do “inventário” original totalizando 27.

Ora sabemos que só dois dos signos da Espanca não são utilizados na epigrafia do Sudoeste: o 11º e o 26º. O autor do presente texto já teve ocasião para propor uma explicação para esse facto: o 11º signo foi substituído discricionariamente por S56, pois a sucessão tão recorrente na fórmula final usual das inscrições desse signo a G15 (6º signo de Espanca) não deixaria de causar hesitações de leitura; o 26º signo foi simplificado pela remoção dos pequenos apêndices, tornando-se no que se denota como S81<sup>23</sup>.

Quanto à posterior evolução dos signos, ocorrida numa pluralidade de situações diversas ditas pela cronologia e pela geografia, propôs-se também que elas podem ser entendidas mediante

<sup>20</sup> CORREA 1996a, 2002.

<sup>21</sup> ALARCÃO E SANTOS 1996., 272

<sup>22</sup> É recolhido em HOZ 2005, 368 fig. 5 como S93. Todas as referências à designação de signos são feitas a esta publicação.

<sup>23</sup> 1996a, 47.

a aplicação de algumas regras grafemáticas que é possível reconstituir com plausibilidade como tendo estado presentes no espírito dos escribas e lapicidas. São estes princípios três, e um fenómeno acessório, que não se pode entender como regra, mas que se verifica ter ocorrido com grande regularidade.

Os princípios são os da identidade, da unicidade e da variação correlativa. O fenómeno que se verifica é o da idiosincrasia.

O princípio da identidade determina que um signo é um composto geométrico de expressão gráfica distinto de todos os outros no mesmo sistema de escrita. O princípio da unicidade é o de que um signo representa um e só um som. O princípio da variação correlativa obriga a que, quando um signo sofre uma alteração da sua expressão gráfica que o torna idêntico a um segundo, este segundo sofre necessariamente uma alteração suplementar para que se respeite o princípio da identidade. O fenómeno da idiosincrasia reflecte-se no facto de estas alterações serem frequentemente feitas todas no mesmo sentido, no mesmo “estilo”.

A expressão prática destes princípios pode ser acompanhada nas variantes de G14 (ka) e G23 (tu), devido à alteração da expressão gráfica provocada pela inscrição dos signos entre cartelas, ou nas variantes de G19 (ta) e G27 (bo) devido à alteração da expressão gráfica provocada pela compactação dos signos em inscrições muito densas.

Mas sobretudo, estes princípios combinados permitem retirar do inventário dos signos do sudoeste as múltiplas variantes de G20 (te) que não passam de alógrafos (S47c-j e S86) e que correspondem todos ao 18º signo da Espanca. Já os signos S47a e S47b são um outro signo, o 19º de Espanca, de que o segundo é uma modificação idiosincrática (a adição de um traço suplementar no interior do signo) como forma de obviar à perda de expressão plástica do signo em inscrições densas e entre cartelas, onde se corria o risco de poder ser interpretado apenas como um espaço.

Vista desta forma a evolução da escrita do Sudoeste surge de uma forma simultaneamente mais rica e muito menos flexível: menos flexível pois, desde um momento “creacional” se manteve muito ligada a um modelo estrito; mais rica pois é demonstrável a existência de uma pluralidade de tradições de época e localização diversa, que conhecem esse modelo e o dominam, sem que deixem de lhe introduzir traços da sua personalidade. Ora, as implicações, propriamente civilizacionais, que esta afirmação traz – que não poderão ser aqui analisadas em pormenor – são de uma magnitude assinalável para todo o estudo da arqueologia sidérica do Sudoeste.

## OS PROBLEMAS DE LEITURA

As lápides do sudoeste são as Forcas Caudinas do método combinatório de decifração das escritas; são também as Termópilas da esperança de uma chave decifratória para aquilo que, não sendo um mistério (não era certamente para quem o escreveu) não depende de uma intuição, ou de uma adivinhação mais ou menos educada, para ser “resolvido”.

Isto acontece porque, de oitenta monumentos, só metade conserva um texto consistente. Destes, outra metade, tem uma extensão de texto consistente, mas não contextualizável em relação ao texto original, completo, e das duas dezenas de *sprachdenkmaller* restantes, 50% é fórmula ritual, 30% antropónimos e só o resto (literalmente, uma dúzia de elementos lexicais) matéria de exploração linguística.

A matéria com que trabalhamos é, de facto, com uma antroponímia, não contaminada por contributos posteriores, e que por isso mesmo tem uma importância incontornável na descrição da situação démica no sudoeste peninsular na primeira metade do primeiro milénio antes da nossa era. Claro que, na referenciação dos paralelos linguísticos encontrados, na delimitação das paisagens antroponímicas em que as epígrafes do sudoeste se inserem, continuamos a depararmo-nos com os problemas decorrentes das importantes mobilizações provocadas nos finais da Idade do

Ferro e no período republicano pelas ocorrências político-militares na Península, mas a lição não contaminada dada pelos antropónimos identificáveis nas epígrafes sidéricas é de um significado inestimável.

Foi por vezes encarada como motivo de perplexidade a existência de antropónimos galaico-lusitanos nas epígrafes do sudoeste. Não vemos razões para sustentar esta posição, que mais não faz que reproduzir a uma outra escala a situação que demonstravelmente ocorre, no domínio da toponímia, com a presença de topónimos (ou seus elementos de formação) típicos da Hispânia Celta, da Hispânia Ibérica (para encontrar uma designação adequadamente dicotómica) e de uma outra Hispânia (Túrdula ?), que se sobrepõe parcialmente a uma e outra sem que se imponha como entidade perene, estando mais próxima da típica entidade de substrato linguístico<sup>24</sup>. Já se encontrou para esta situação um paralelo no domínio da etnicidade<sup>25</sup>.

Isto implica assumir a existência de um padrão de distribuição antroponímica complexo, misturando elementos considerados tipicamente lusitanos, tipicamente turdetanos ou túrdulos e tipicamente ibéricos numa mesma região delimitada, afastada de todos os núcleos que caracterizam estas três zonas, em cronologias seguramente anteriores aos finais do séc. VI ? A resposta é multiforme.

A primeira resposta é a de que estamos perante um palimpsesto linguístico de profundidade temporal insuspeitada, que leva muito atrás daquilo que normalmente está incluso nas narrativas históricas uma conjuntura muito abrangente de miscigenação (termo que se utiliza na medida exacta para evitar uma longa perífrase, e que nada pressupõe no domínio dos movimentos demográficos)<sup>26</sup>.

Com efeito, é no domínio das cronologias mais altas propostas para a repartição no Ocidente das línguas indo-europeias que a situação peculiar da antroponímia e da toponomástica do Sudoeste Peninsular podem encontrar explicação. Sai do nosso âmbito precisar quais as cronologias em que isso sucede, mas importa registar que na emergência da escrita o âmbito linguístico local é já o de um espaço de contacto com regiões de diferente natureza.

Outra resposta consiste em desvalorizar alguma da ênfase posta na periodização estanque entre divisões convencionais dentro da Idade do Ferro. Correlativamente a esta desvalorização, surge logicamente a inconveniência de substituir essa ênfase pela valorização etnicamente carregada de alguns comportamentos diferenciais no domínio da cultura material.

Não existe, hoje, nenhuma razão para supôr a escrita do Sudoeste estrita e exclusivamente ligada a uma qualquer etnia, das que são referidas mais tarde, em Avieno ou Estrabão (preferiríamos nem sequer mencionar a teoria, que ainda assim vai ressurgindo periodicamente, de que esta escrita é produto de um qualquer deslocamento populacional muito preciso, que trouxe uma nova realidade étnica, posteriormente extinta, e com ela a escrita)<sup>27</sup>. A epigrafia do Sudoeste foi um fenómeno de divulgação extensa, mas irregular, cuja escolha cruzou, segundo linhas que não podemos hoje compreender perfeitamente, com as escolhas do domínio socio-político que essas sociedades fizeram, e que vieram mais tarde a ser interpretadas como etnias.

## **A INTEGRAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DA ESCRITA DO SUDOESTE**

Individualmente considerado, o maior problema de enquadramento histórico-cultural do estudo da escrita do Sudoeste foi – e continua a ser – o facto de ela ter sido designado de “tartéssica” e,

---

<sup>24</sup> ALMAGRO e RUIZ 1993, UNTERMANN 1962.

<sup>25</sup> CORREIA 1997.

<sup>26</sup> NOCENTINI 2013.

<sup>27</sup> CORREIA 1996.

dado o apelo indiscutível desse último grande mistério da arqueologia europeia, essa designação ter ganho voga e vencimento na investigação.

Ora, a questão muito simples é, insisto, que ainda que tenha certamente existido uma escrita tartéssica, não temos evidência de que a epigrafia que conhecemos lhe corresponda exactamente – há aliás algumas razões para acreditar precisamente no contrário – e se isto é verdade para a questão epigráfica, mais o deve ser ainda para a questão linguística subjacente, pois mesmo que se venha a determinar que a escrita do sudoeste que serviu de base à produção da sua epigrafia era o mesmo sistema do tartéssico, nada nos garantirá ainda que a língua fosse idêntica.

O método mais recente de J. A. Correa, *data venia* ao mérito do autor, de abordar a questão: seleccionar as epígrafes do Guadalquivir, por corresponderem à área tartéssica e, sem atender a questões prévias de análise das peças entendê-las como um conjunto “original” e pristino do fenómeno<sup>28</sup> parece-nos a este respeito particularmente inadequado, por inverter toda a lógica que podemos discernir no registo arqueológico, fazendo de uma extensão marginal de um fenómeno (certamente do ponto de vista geográfico, não sabemos se também do ponto de vista cronológico), o seu centro.

Karl Popper sustentava que as discussões sobre palavras nunca eram importantes, mas também alertou para os perigos de uma busca “aristotélica” da essência das coisas<sup>29</sup>; para os mesmos problemas foram os arqueólogos alertados por Stuart Piggott quando lembrava, a outro propósito, que não nos devemos deixar enganar pelas palavras que usamos<sup>30</sup>. Em todos estes aspectos a classificação da epigrafia como tartéssica incorre em erro<sup>31</sup>.

A epigrafia do sudoeste não é um produto de uma civilização urbana como foi a tartéssica, foi – repito – um epifenómeno de uma cultura de que conhecemos mal os processos históricos, para além do facto de não ser fortemente urbanizada, ter grande parte do seu território organizado num sistema “palacial”<sup>32</sup> de exploração dos recursos e colocar, através das suas necrópoles “gregárias”, grande ênfase nas estruturas linhagísticas que suportavam esse sistema.

Estamos, portanto, em condições de olhar para essa cultura como produto de uma evolução específica (como são todas) com laivos de grande originalidade, provavelmente potenciados pela posição de finisterra do Sudoeste, mas também de plataforma giratória entre o Atlântico e o Mediterrâneo<sup>33</sup>.

Para este entendimento outro contributo recente de enorme importância é a hipótese de que a origem das línguas celtas (o proto-celta) corresponda à língua-franca dos povos, indo-europeus ou linguisticamente indo-europeizados que, no *terminus* da sua expansão, se deparam com a fachada atlântica e aí, sobretudo no período do Bronze Final, desenvolvem uma fortíssima rede de contactos inter-regionais<sup>34</sup>. O prestígio desta língua-franca teria garantido o potencial de expansão para a todo o continente europeu e os processos históricos subsequentes que se encontram mais próximos da narrativa histórica tradicional (que não necessita – pelo menos não só por esta hipótese – de substanciais modificações).

Esta hipótese – que em Física seria designada como “uma equação muito elegante” – abre muitas questões, mas resolve outras tantas (apesar do reduzido entusiasmo com que está a ser recebida na comunidade académica<sup>35</sup>). Resolve sobretudo (por eliminar do quadro da reconstituição histórica) os problemas que a dicotomia Hispânia Céltica / Hispânia não-Céltica<sup>36</sup> levanta

<sup>28</sup> CORREA 1996, 53-62; 1999.

<sup>29</sup> POPPER 2013, vol. 2, 23-24.

<sup>30</sup> Cit. em CORREIA 1998, 114.

<sup>31</sup> Já CORREIA 1990.

<sup>32</sup> CORREIA 2007, 2009a.

<sup>33</sup> CUNLIFFE 2010, 21.

<sup>34</sup> KOCH 2009, CUNLIFFE e KOCH 2010, KOCH e CUNLIFFE 2013.

<sup>35</sup> Cf. GUERRA 2010b, HAINZMANN 2013.

<sup>36</sup> GORROCHATEGUI 2013.



numa zona onde elementos de uma e outra coexistem. O Sudoeste foi uma zona linguística residual onde, para além da questão linguística, existia um panorama complexo de interação entre entidades politico-culturais distintas, explicando-se assim o padrão diferencial de fenómenos específicos como a antroponímia, a utilização de marcadores funerários epigrafados ou o desigual grau de urbanização.

A origem deste fenómeno deve ser atribuída aos inícios do II<sup>o</sup> Milénio AC, sendo que é o fenómeno campaniforme que corresponde ao generalizar dos contactos ao longo da fachada atlântica e que corresponde também, muito provavelmente, aos limites geográficos da expansão indo-europeia<sup>37</sup>. Esta explicação parece mais adequada à realidade que conhecemos do que um processo mais dilatado no tempo, de origem propriamente neolítica<sup>38</sup>.

Não será todavia correcto substituir rapidamente uma teoria por outra, sem examinar mais cautelosamente os pressupostos epistemológicos subjacentes. É vantajoso remeter ao lugar respeitável na história da ciência que merecem ocupar as “vagas celtas” de P. Bosch-Gimpera, mas não é vantajoso substituí-las sem mais por “vagas cardiais” ou “vagas campaniformes”<sup>39</sup>.

O nó górdio está no facto de a linguística, via de regra, procurar caracterizar um constructo atemporal que designa de “língua”, tal como a genética procura caracterizar outro constructo que designa de “população”<sup>40</sup>; a arqueologia deixou – e bem – de procurar “povos” (*pace* Vere Gordon Childe), para se interessar por sociedades e processos sociais e pelas paisagens<sup>41</sup>.

Uma reconstrução do passado que agregue coerentemente a classificação das línguas dentro de grandes famílias com os grandes movimentos dêmicos no mundo, segundo o modelo de ondas de avanço<sup>42</sup>, como seriam os binómios hispano-celta/expansão indoeuropeia, ibérico/revolução neolítica (e basco [família dene-caucásica]/[humanos modernos] Paleolítico Superior ?) é útil como enquadramento, mas não é decisiva na hora de estudar os mencionados processos sociais, em curso nas sociedades e nas paisagens que elas ocupam.

É no domínio destes que a indagação das fórmulas sociais de expressão da cultura dos grupos humanos – que o estudo da escrita do sudoeste, em suma – se continuará a fazer.

## BIBLIOGRAFIA

- ADIEGO, Ignacio J. (1993) – Algunas reflexiones sobre el alfabeto de Espanca y las primitivas escrituras hispanas, In ADIEGO, Ignacio J.; SILES, Jaime e VELAZA, Javier (Ed. de) *Studia Palaeohispanica et Indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*, Barcelona, Universitat de Barcelona Publicacions (*Aurea Secula* 10), pp. 11-22.
- ALARCÃO, Jorge de; SANTOS, Ana Isabel P. (Coord. de), (1996) – *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* (Lisboa, MNA, cat. exp.)
- ALMAGRO Gorbea, Martin (1977) – *El Bronce Final y el periodo orientalizante en Extremadura*, Madrid, C:S.I.C., (Bibliotheca Praehistorica Hispana 14).
- ALMAGRO Gorbea, Martin (2004) – Inscripciones y grafitos tartésicos de la necrópolis orientalizante de Medellín, *Palaeohispanica* 4, Saragoça, Inst. Fernando el Católico, pp.13-44.
- ALMAGRO Gorbea, Martin; RUIZ Zapatero, Gonzalo (1992) – Paleoetnología de la Península Ibérica. Reflexiones y perspectivas de futuro”, In ALMAGRO Gorbea, Martin; RUIZ Zapatero, Gonzalo (Ed. de) *Paleoetnologia de la Peninsula Ibérica*, Madrid, Editorial Complutense (*Complutum* 2-3), pp. 469-499.
- ANTHONY, Davis W. (2007) – *The horse, the wheel and language*, Princeton, Un. Press.

<sup>37</sup> HOZ 2013, cf. ANTHONY 2007.

<sup>38</sup> RENFREW 1990, BELLWOOD e RENFREW 2002.

<sup>39</sup> CORREIA 1997.

<sup>40</sup> LE BRAS 2000.

<sup>41</sup> STODDART e NEIL 2012.

<sup>42</sup> CAVALLI-SFORZA 1996, 155-194.

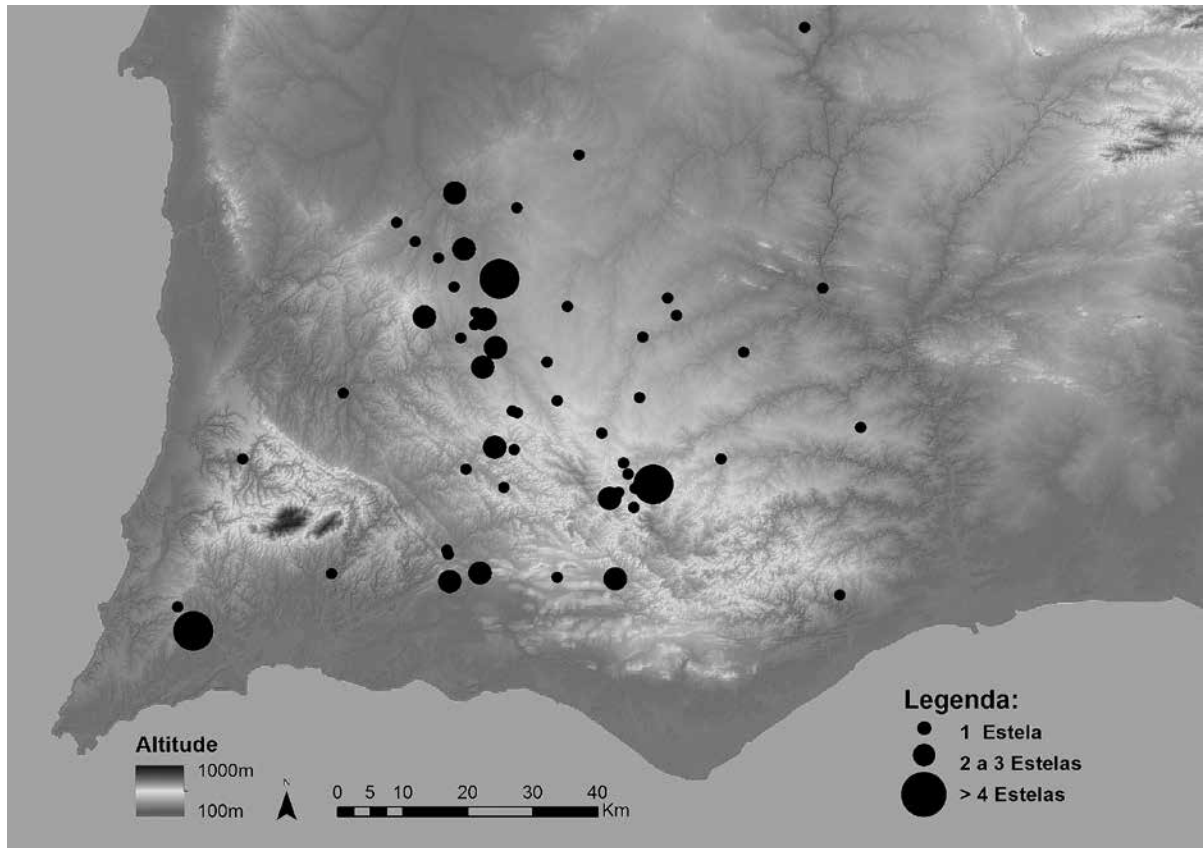
- ARRUDA, Ana M. (1993) – A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular, In TAVARES, António Augusto (Ed. de), *Os fenícios no território português*, Lisboa, Instituto Oriental (Estudos Orientais 4), 193-214.
- ARRUDA, Ana M (2001) – A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo-Alentejo, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4(2), Lisboa, IPA, pp. 207-291.
- BAINES, John; BENNET, John; HOUSTON, Stephen (Ed. de), (2008) – *The disappearance of writing systems. Perspectives on literacy and communication*, Londres, Equinox Publications.
- BEIRÃO, Caetano de Melo (1986) – *Une civilization protohistorique du Sud du Portugal*, Paris, De Boccard.
- BEIRÃO, Caetano de Melo (1990) – Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos. In *Presenças orientalizantes em Portugal da pré-história ao período romano*, Lisboa, Instituto Oriental (Estudos orientais 1), pp. 107-118.
- BEIRÃO, Caetano de Melo; CORREIA, Virgílio Hipólito (1991) – A cronologia do povoado de Fernão Vaz, *Conimbriga* 30, Coimbra, Instituto de Arqueologia, pp. 5-11.
- BEIRÃO, Caetano de Melo; GOMES, Mário Varela (1985) – Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal, In *Actas del III Coloquio sobre Lenguas Y Culturas Paleohispanicas*, Salamanca, Ediciones de la Universidad, pp. 465-502.
- BEIRÃO, Caetano de Melo, SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1985) – Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações, *O Arqueólogo Português* IV-3, Lisboa, MNA, pp. 45-135.
- BELLWOOD, Peter; RENFREW, Colin (Ed. de), (2002) – *Examining the farming/language dispersal hypothesis*, Cambridge, MacDonal Institute for Archaeological Research.
- BERROCAL Rangel, Luís (1992) – *Los Pueblos Célticos del Suroeste de la Peninsula Ibérica*, Madrid, Editorial Complutense (*Complutum Extra* 2).
- BLASCO Ferrer, Eduardo; FRANCALACCI, Paolo; NOCENTINI, Alberto; TANDA, Giuseppa (Cur. de), (2013) – *Iberia e Sardegna. Legami linguistici, archeologici e genetici dal Mesolitico all'Età del Bronzo*, Milão, Le Monnier.
- CAVALLI-SFORZA, Luigi (1996) – *Gênes, peuples et langues*, Paris, Ed. Odile Jacob.
- COELHO, Luís (1976) – Epigrafia prelatina del SO. peninsular português, In *Actas del I Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica*, Salamanca, Ediciones de la Universidad, pp. 201-211.
- COLLADO Giraldo, Hipolito; FERNÁNDEZ Algaba, M. (1998) – Arte rupestre en Extremadura: últimas investigaciones, In *Actas do Colóquio: A Pré-história na Beira Interior*, Tondela, CEPBA (*Estudos Préhistóricos* 6), pp. 100-110.
- CORREA, José A. (1985) – Consideraciones sobre las inscripciones tartesias, In *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas PaleoHispanicas*, Salamanca, Ediones de la Universidad, pp. 377-395.
- CORREA, José A. (1987) – El signário tartesio, In *Actas del IV Coloquio sobre lenguas y culturas Paleohispanicas*, Vitoria, Un. País Basco (*Veleia* 2-3), pp. 275-284.
- CORREA, José A. (1993) – El signario de Espanca (Castro Verde) y la escritura tartesia, In UNTERMANN, Jurgen; VILLAR, Francisco (Ed. de) *Lengua y Cultura en la Hispania Prerromana*, Salamanca, Ed. Universidad (Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Peninsula Ibérica), pp. 521-562.
- CORREA, José A. (1996a) – Grafito paleohispánico hallado en el depósito de Garvão (Ourique, Beja), *Spal* 5, Sevilha, Universidade, pp. 167-170.
- CORREA, José A. (1996b) – La epigrafia del Sudoeste: estado de la cuestión, In VILLAR, Francisco; ENCARNÇÃO, José de (Ed. de) *La Hispania Prerromana*, Salamanca, Publicaciones de la Universidad (Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica), pp. 65-76.
- CORREA, José A. (2002) – Crónica epigráfica del sudoeste, *Palaeohispanica* 2, Saragoça, Institución Fernando el Católico, pp. 407-409.
- CORREA, José A. (2004) – Crónica epigráfica del sudoeste, *Palaeohispanica* 4, Saragoça, Institución Fernando el Católico, pp. 283-284.
- CORREA, José A. (2005) – Del alfabeto fenicio al semisilabario paleohispánico, *Palaeohispanica* 5, Saragoça, Institución Fernando el Católico (*Acta Palaeohispanica IX*), pp. 137-154.
- CORREA, José A. (2009) – Reflexiones sobre la lengua de las inscripciones en escritura del sudoeste o tartesia, In *Palaeohispanica* 9, Saragoça, Inst. Fernando El Católico/CEAUCP (*Acta Palaeohispanica X*), pp. 295-307

- CORREIA, Virgílio Hipólito (1990) – A expansão orientalizante na fachada atlântica da Península, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* 30 e 31, Porto, SPAE, pp. 177-192 e 217-219.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1993) – As necrópoles da Iª Idade do Ferro do Sul de Portugal. Arquitectura e rituais, In *Actas do Iº Congresso Peninsular de Arqueologia*, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, vol. II, pp. 351-376.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1995) – The Iron Age in South and Central Portugal and the Emergence of Urban Centres, In CUNLIFFE, Barry; KEAY, Simon (Ed. de), *Social complexity and the development of towns in Iberia, from the Copper Age to the Second Century AD*, Oxford, University Press (Proceedings of the British Academy 86), pp. 237-262.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1996a) – A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica, Porto, Etnos.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1996b) – O sítio arqueológico de Garvão e o seu depósito ritual, In ALARCÃO, Jorge de; SANTOS, Ana Isabel P. (Ed. de) *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*, Lisboa, MNA, pp. 101-106
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1997) – Um modelo historiográfico para a Idade do Ferro do Sul de Portugal e a sua Arqueologia, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 37(3-4), Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 41-85.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1998) – Arqueologia da urbanização, *O Arqueólogo Português*, s. IV, 16, Lisboa, MNA, pp. 111-121.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1999) – Fernão Vaz (Ourique, Beja). Balanço da investigação arqueológica, *Vipasca* 8, Aljustrel, Câmara Municipal, 23-32.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (2000a) – Modelos de interpretação e arqueologia proto-histórica, In *Proto-história da Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular vol. V*, Porto, ADECAP, 413-427.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (2000b) – Algumas considerações sobre os centros de poder na Proto-história do Sul de Portugal, In *Actas do Congresso de proto-história europeia*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento (*Revista de Guimarães* número especial), vol. 2, pp. 699-714.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (2001) – Arquitectura Oriental e Orientalizante em território português: uma revisão, In RUIZ Mata, Diego; CELESTINO Pérez, Sebastian (Ed. de) *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*, Madrid, Centro de Estudios del Próximo Oriente (*Lenguas y Culturas del Antiguo Oriente Próximo* 4), pp. 57-68.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (2002) – A epigrafia e a sociedade do sudoeste peninsular na Idade do Ferro, In *Iº Congreso Internacional "Pueblos y culturas de la cuenca del Mediterraneo. Mundo Ibérico"*, Madrid, Fund. Civis, DVD s/pp.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (2004a) – A colecção de escrita pré-latina no Museu de Faro, In *Caminhos do Algarve Romano*, Faro, Câmara Municipal (*Catálogo do Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique*), pp. 14-20.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (2004b) – Moeda, epigrafia e identidade cultural no ocidente peninsular pré-romano, In CHAVES Tristan, Francisca; GARCÍA Fernández, F. J. (Ed. de) *Moneta Qua Scripta. La moneda como soporte de escritura. Actas del III Encuentro Peninsular de Numismática Antigua*, Madrid, CSIC, (*Anejos de AEspa* 33), pp. 267-290.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (2004c) – Duas epígrafes do Sudoeste do Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique (Faro, Portugal), *Palaeohispanica* 4, Saragoça, Institución Fernando el Católico, pp. 245-249.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (2007) – Fernão Vaz. Um caso de estudo da paisagem rural do Sudoeste no Período Orientalizante”. In RODRÍGUEZ Díaz, Alonso; PAVÓN Soldevilla, Ignacio (Ed. de) *Arqueologia de la tierra. Paisajes rurales de la proto-história peninsular*, Cáceres, Universidad de Extremadura (*VI Cursos de Verano Internacionales de la Un. Ext.*), pp. 181-194.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (2009a) – Espaços urbanos e modelos domésticos na proto-história da fachada atlântica, In BELLARTE, Maria Carmen (Ed. de) *L'espai domèstic i l'organització de la societat a la protohistòria de la Mediterrània occidental (Ier mil.lenni aC)*, Barcelona, ICAC (*Arqueomediterrània* 11), pp. 271-277.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (2009b) – A escrita do sudoeste: uma visão retrospectiva e prospectiva, In *Palaeohispanica* 9, Saragoça, Inst. Fernando El Católico/CEAUCP (*Acta Palaeohispanica* X), pp. 309-321.
- CUNLIFFE, Barry (2010) – Celtization from the west: the contribution of archaeology, In CUNLIFFE, Barry; KOCH, John T. (Ed. de) *Celtic from the west. Alternative perspectives from archaeology, genetics, language and literature*, Oxford, Oxbow Books, pp. 13-38.

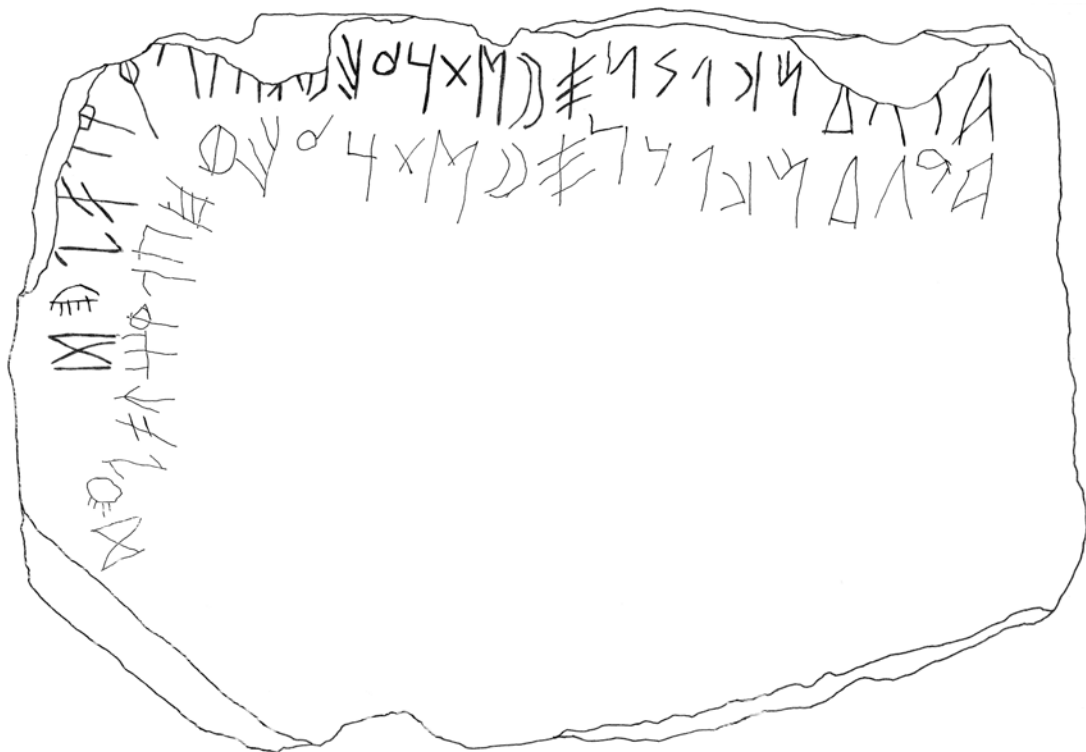
- CUNLIFFE, Barry e KOCH, John T. (Ed. de), (2010) – *Celtic from the west. Alternative perspectives from archaeology, genetics, language and literature*, Oxford, Oxbow Books.
- EVANS, David E. (1993) – The identification of continental Celtic with special reference to Hispano-Celtic, In UNTERMANN, Jurgen VILLAR, Francisco (Ed. de) *Lengua y cultura en la Hispania Prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, Salamanca, Ediciones Universidad (*Acta Salmantisensia-Estudios Filológicos* 251), pp. 563-608.
- FARIA, António Marques (1991) – Epigrafia monetária meridional, *Conimbriga* 30, Coimbra, Instituto de Arqueologia, pp. 13-21.
- FARIA, António Marques (1994) – Uma inscrição em caracteres do Sudoeste achada em Mértola”. *Vipasca* 3, Aljustrel, Câmara Municipal, pp. 61-63.
- FARIA, António Marques; SOARES, António M. Monge (1998) – Uma inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja), *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1/1, Lisboa, IPA, 153-160.
- GOMES, Mário Varela (1994) – *A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messinaes) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves*, Silves, Museu Municipal de Arqueologia (*Xelb* 2).
- GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho (1977) – As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel – Beja). Estudo comparado, *Setúbal Arqueológica* 2-3, Setúbal, MAEDS, pp. 281-344.
- GOMEZ-MORENO, Manuel (1961) – La escritura Bastulo-turdetana (Primitiva Hispânica), *Revista de Archivos, Bibliotecas e Museos* 69-2, Madrid, Ministerio de Educación, pp. 879-918.
- GOODY, Jack (1987) – *A lógica da escrita e a organização da sociedade*, Lisboa, Edições 70 (Trad. port. de *The logic of writing and the organization of society*, Cambridge, University Press, 1986).
- GORROCHATEGUI, Joaquín (2013) – Hispania indoeuropea y no indoeuropea, In BLASCO Ferrer, Eduardo; FRANCLACCI, Paolo; NOCENTINI, Alberto; TANDA, Giuseppa (Ed. de) *Iberia e Sardegna. Legami linguistici, archeologici e genetici dal Mseolitico all'Età del Bronzo*, Milão, Le Monnier, pp. 47-64.
- GUERRA, Amílcar (2002) – Novos monumentos epigrafados com escrita do Sudoeste da vertente setentrional da Serra do Caldeirão, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 5/2, Lisboa, IPA, 219-231.
- GUERRA, Amílcar (2010a) – Newly discovered inscriptions from the South-West of the Iberian Peninsula, In CUNLIFFE, Barry e KOCH, John T. (Ed. de) *Celtic from the west. Alternative perspectives from archaeology, genetics, language and literature*, Oxford, Oxbow Books, pp. 65-79.
- GUERRA, Amílcar (2010b) – Algumas observações sobre a escrita do Sudoeste, In *Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves, Câmara Municipal (*Xelb* nº 10), pp. 11-12.
- GUERRA, Amílcar; RAMOS, Ana Cristina; MELRO, Samuel; PIRES, Isabel Alexandra (1999) – Uma estela epigrafada da Idade do Ferro, proveniente do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar), *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2/1, Lisboa, IPA, pp. 143-152.
- GUZZO, Maria Giulia Amadasi; ZAMORA Lopez, José-Angel (2008) – Un ostracon phénicien de Tavira (Portugal), *Vicino Oriente* 14, Roma, Università “La Sapienza”, pp. 231-240.
- HAINZMANN, Manfred (2013) – Recensão a Cunliffe e Koch 2010, *European Journal of Archaeology* 16-1, Leeds, European Association of Archaeologists/Maney Publishing, pp. 205-209.
- HOZ, Javier de (1985) – El Origen de la escritura del SO, In *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas PaleoHispanicas*, Salamanca, Ediciones de la Universidad, pp. 423-464.
- HOZ, Javier de (1987) – El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional, In AUBET, Maria Eugenia (Dir. de) *Tartessos, Arqueologia Protohistórica del Bajo Guadalquivir*, Sabadell, AUSA, pp. 523-587.
- HOZ, Javier de (1990) – El origen de las antiguas escrituras hispanas y el desarrollo de la escritura del Algarve, In TAVARES, António Augusto (Ed.) *Presenças orientalizantes em Portugal-Da Pré-história ao Período Romano*, Lisboa, Instituto Oriental (Estudos Orientais 1), pp. 219-246.
- HOZ, Javier de (1996) – El origen de las escrituras paleohispánicas quince años después, In VILLAR Francisco; ENCARNAÇÃO, José de (Ed. de) *La Hispania prerromana*, Salamanca, Ediciones de la Universidad (*Actas del VI Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica*), pp. 171-206.
- HOZ, Javier de (2005) – La recepción de la escritura en Hispania como fenómeno orientalizante, In CELESTINO Pérez, Sebastian e JIMÉNEZ Ávila, Javier (Ed. de) *El Periodo orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistória del Mediterráneo Occidental*, Madrid, CSIC (*Anejos de AEspA* 35), vol. 1, pp. 363-381.

- HOZ, Javier de (2013) – Hipotéticas protolenguas y posibles formas de contacto lingüístico en la prehistoria europea, In BLASCO Ferrer, Eduardo; FRANICALACCI, Paolo; NOCENTINI, Alberto; TANDA, Giuseppa (Ed. de) *Iberia e Sardegna. Legami linguistici, archeologici e genetici dal Mesolitico all'Età del Bronzo*, Milão, Le Monnier, pp. 65-86.
- KOCH, John T. (2009) – *Tartessian. Celtic in the South-West at the dawn of history*, Aberystwyth, CSP-Cymru Cyf ( *Celtic Studies Publications* XIII).
- KOCH, John T. (2010) – Paradigm shift? Interpreting Tartessian as Celtic, In CUNLIFFE, Barry; KOCH, John T. (Ed. de) *Celtic from the west. Alternative perspectives from archaeology, genetics, language and literature*, Oxford, Oxbow Books, pp. 185-302.
- KOCH, John T.; CUNLIFFE, Barry (Ed. de), (2013) – *Celtic from the west 2. Rethinking the Bronze Age and the arrival of Indo-European in Atlantic Europe*, Oxford, Oxbow Books.
- LE BRAS, Hervé (Dir. de), (2000) – *L'invention des populations*, Paris, Ed. Odile Jacob.
- NOCENTINI, Alberto (2013) – The languages of the Mediterranean basin in the first millenium BC: a typological assessment, In BLASCO Ferrer, Eduardo; FRANICALACCI, Paolo; NOCENTINI, Alberto; TANDA, Giuseppa (Ed. de) *Iberia e Sardegna. Legami linguistici, archeologici e genetici dal Mesolitico all'Età del Bronzo*, Milão, Le Monnier, pp. 34-46.
- PALLOTINO, Massimo (1979) – Le iscrizioni etrusche, In *Le iscrizioni pre-latine in Italia*, Roma, Accademia Nazionale dei Linzei, pp. 39-44.
- POPPER, Karl (2013) – *A sociedade aberta e os seus inimigos*, Lisboa, Edições 70.
- RENFREW, Colin (1990) – *Arqueología y lenguaje. La cuestión de los orígenes indoeuropeos*, Barcelona, Ed. Crítica.
- RODRÍGUEZ Ramos, Jaime (2000) – La lectura de las inscripciones sudlusitano-tartesias, *Faventia* 22/1, Barcelona, Universidad Autónoma, pp. 21-48.
- RUIZ-GÁLVEZ, Marisa (1998) – Weight systems and exchange networks in Bronze Age Europe, In PARE, C. F. E. (Ed. de) *Metals make the world go round*, Oxford, Oxbow Books, pp. 267-279.
- SCHMOLL, Ullrich (1961) – *Die Südlusitanischen inschriften*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz.
- STODDART, Simon e NEIL, Skylar, 2012: “Endnote: situating ethnicity”. In CIFANI, Gabrielle; STODDART, Simon (Ed. de) *Landscape, ethnicity and identity in the archaic Mediterranean area*, Oxford, Oxbow Books, pp. 287-293.
- SUSINI, Giancarlo (1968) – *Il lapicida romano. Introduzione all'epigrafia latina*, Roma, L'Erma di Bretschneider (2ª ed. anastatica).
- SZNYCER, Maurice (2000) – Les graffites phéniciens sur céramiques”. In MAYET, Françoise; SILVA, Carlos Tavares da, *L'établissement phénicien d'Abúl, Portugal*, Paris, De Boccard, pp. 261-264.
- UNTERMANN, Jürgen (1962) – Áreas e movimentos linguísticos na Hispânia pré-romana, *Revista de Guimarães* 72, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 5-41 (= *Sprachraume und Sprachbewegungen im vorromischen Hispanien* [Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1961]).
- UNTERMANN, Jürgen (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum IV: Die tartessischen, Keltiberischen und Lusitanischen Inschriften*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz.
- VILHENA, Jorge (2008) – As armas e os barões assinalados? Em torno das necrópoles monumentais do 'Ferro de Ourique', In JIMÉNEZ Ávila, Javier (Ed. de) *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante*, Mérida, CSIC (*Anejos de Archivo Español de Arqueología* 46), pp. 373-398.

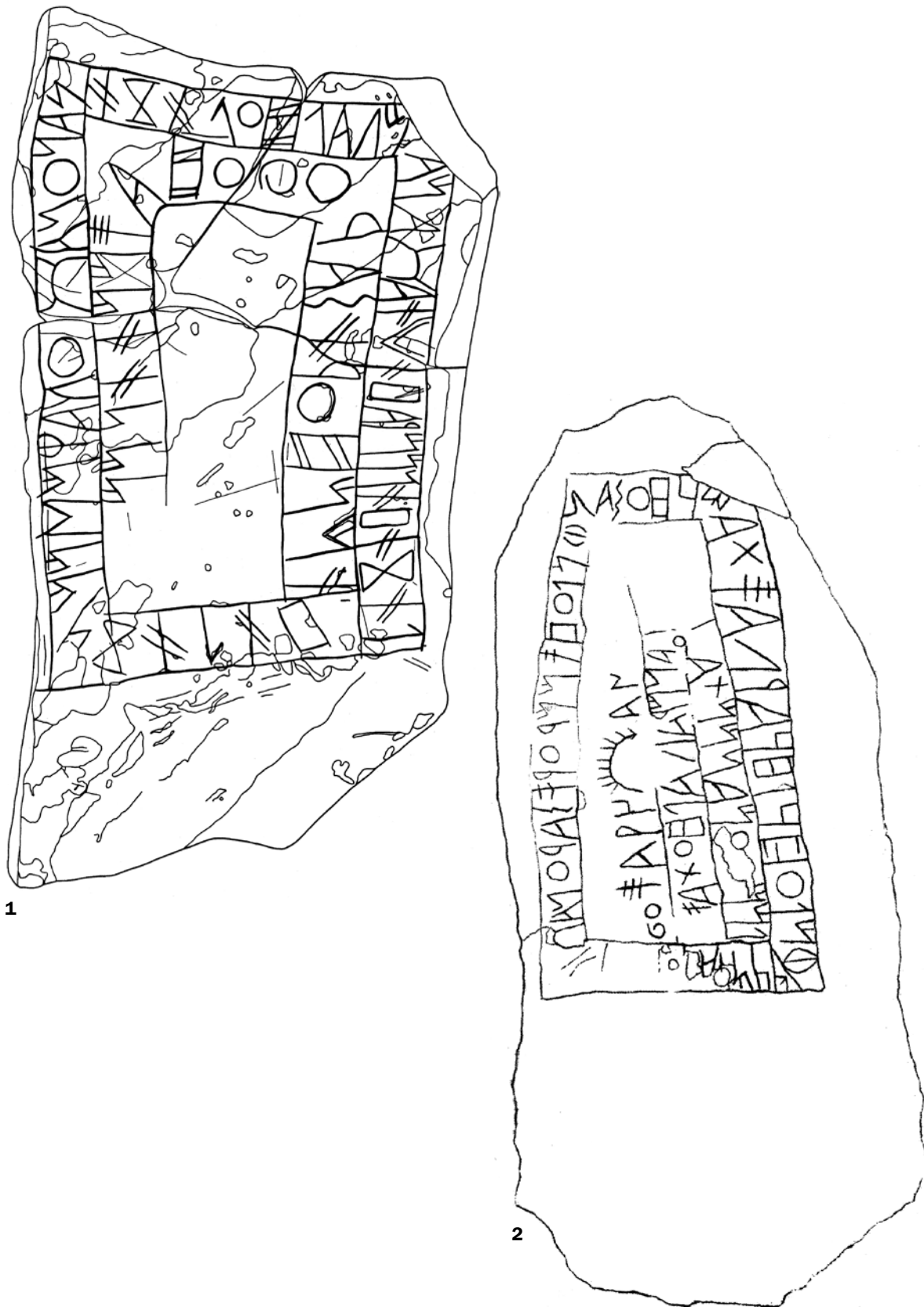




**Fig. 1** – Dispersão das epígrafes do sudoeste em território português (© Projecto ESTELA).
































**Fig. 2** – O signário de Espanca (seg. CORREIA 1996).



**Fig. 3** – As mais extensas epígrafes do Sudoeste actualmente conhecidas:  
1 – Bensafrim (seg. BEIRÃO 1986).  
2 – Mesas do Castelinho (seg. GUERRA 2010a);



|               |   |   |   |  |   |   |
|---------------|---|---|---|--|---|---|
| Vogais        |   |    |    |    |    |  |
|               |   | a   | e   | i  | o   | u   |
| Consoantes    |    |    |    |    |    |  |
|               | l   | n   | s   | R  | S   | r   |
| Semisilábicos |   | p/b   | d/t   | k/g  |   |   |
| a             |    |    |    |    |   |   |
| e             |    |    |    |    |   |   |
| i             |   |  |  |  |   |   |
| o/u           |  |  |  |  |   |   |
| Incertos      |   |  |  |  |  |   |
|               |   | h?  | m?  | w?   | ?   |   |

**Fig. 4** – Reconstituição actualmente possível do sistema de escrita do Sudoeste.

